

OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XVI Anno

25 DE DEZEMBRO DE 1893

Volume XVI — N.º 510

A SUA MAGESTADE A RAINHA D. AMELIA

FUNDADORA DO DISPENSARIO PARA AS CRIANÇAS POBRES

Offerece e dedica a

EMPRESA DO «OCcidente»



SUA MAGESTADE A RAINHA D. AMELIA

(Cópia de uma photographia do sr. Bobone)

O NATAL E A RAINHA

A epopéa colossal do Christianismo ha duas datas essencialmente gloriosas e festivas: aquella em que o Deus se faz homem:—o Natal; aquella em que o homem se faz Deus—a Resurreição.

D'estas duas datas gloriosas da historia do mundo, qual d'ellas é a mais brilhante, qual d'ellas é que a Christandade commemora com mais festas, com mais jubilo, com mais entusiasmo?

Logicamente parece que deveria ser a ultima.

O Natal é o prologo risonho do drama que começa; a Paixão é o epilogo humano d'essa estranha e assombrosa tragedia da Dór; a Resurreição é o seu epilogo divino, a sua apothese radiante a sua suprema philosophia triumphante e consoladora!

Por esta sua gloriosa significação de plano realiado, de fim conseguido, de ultima e sublime palavra n'essa batalha tremenda em que se degladiava a redempção do genero humano, parecia que a maior festa da Christandade deveria ser a da Resurreição, a do dia em que Jesus, triumphando do martyrio, triumphando da morte, se evola, sereno, divino, radiante, por entre os hossanas e as alleluias triumphaes, para o reino mysterioso da Eterna Felicidade e da Eterna Luz, consumada a sua missão terrestre, redimida a humanidade com o seu sangue de homem e de justo.

E entretanto não é assim, e apesar da grandeza epica da tragedia do Golgotha e da apothese suprema da Resurreição, a grande festa da Christandade, a grande festa do mundo, não é a festa da Paschoa, é a festa do Natal.

Porque é assim? E' assim, porque pôde ser mais grandiosa, mais philosophica, mais tragica, na sua complexidade humana e theologica o drama da paixão, o renascimento triumphante do Deus, mas é mais encantadora na sua simplicidade modesta, falla mais a todos os espiritos na sua singeleza perfeitamente primitiva, o nascimento do menino Deus, na mangedoura de Bethlem.

O Deus subindo da Terra ao Ceu pode fazer desentranhar-se em victoriosos Te-Deum laudamos as hostes celestiaes; o Deus descendo do ceu á terra, despindo a magestade divina para tomar o fragil envolvero humano, faz estremecer de jubilo a humanidade, fal a vibrar ao mesmo tempo n'um grande e intenso sentimento de paz de alegria, de bondade, de confraternisação.

E é por isso que a festa do Natal é a festa de todo o mundo, e em todo o mundo a mais santa, a mais alegre, a mais popular, a festa de todos os sentimentos mais nobres que ha na alma humana, a festa da Amizade, a festa da Caridade, a festa da Familia!

E a cima de tudo isso a festa do Natal é ainda mais, como aliás de direito era, desde o momento em que a festa é a de um Deus menino, a festa das creanças, e do mesmo modo que n'essa noite sagrada, um Deus se transforma em creança, todas as creanças se transformam em Deus durante essas rapidas horas festivas, enquanto as luzes brilham na arvore do Natal, enquanto o gallo canta trez vezes n'essa meia noite legendaria, enquanto os christãos se unem em agapes fraternaes e a igreja recita jubilosamente o Evangelho da Natividade, os versiculos de S. Lucas.

«Completo-se para Maria o tempo prefixo da maternidade...

Festa de creanças, porque festa d'um Deus Menino, festa de Caridade porque festa de um Menino-Deus, o Natal é por excellencia a festa da infancia e dos pobres, e por isso não ha maneira mais santa, mais justa, mais brilhante, mais logica de festejar o nascimento de Jesus, do que festejando os pobres e os pequeninos.

Na sua gentilissima alma de mulher, no seu grande coração de mãe, no seu radiante espirito de rainha, a augusta soberana de Portugal, comprehendeu perfeitamente isso, e commemorou este anne o dia de Natal por uma instituição de caridade altamente sympathica e altamente humanitaria, que ha de ficar entre as mais brilhantes, as mais uteis, e as mais meritorias das obras pias do nosso paiz.

Essa instituição é o Dispensario para creanças pobres, dispensario estabelecido no convento do Sacramento, a Alcantara, por iniciativa unica e a expensas exclusivas de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, e pela mesma virtuosa e gentilissima senhora inaugurado no dia de Natal.

Este piedoso acto de caridade régia, praticado tão modestamente, quasi na sombra, sem annuncio nem réclames, é dos de maior alcance humanitario, que se tem praticado no nosso paiz, e collocam o nome glorioso da augusta Rainha, ao lado dos nomes mais queridos das rainhas de Portugal que a tradição guardou, consagrou, e canonisou com a benção dos seculos — o nome da rainha Isabel d'Aragão, a rainha santa, e o de D. Leonor de Lencastre, a esposa virtuosa e excelsa de D. João II, a rainha das misericordias, e dos hospitaes.

Consagrando o seu numero d'hoje exclusivamente ao Natal, a direcção do OCCIDENTE entendeu ser um preito justissimo, consagrar e dedicar este numero a Sua Magestade a Rainha D. Amelia, em homenagem ás suas excelsas virtudes, e em commemoração da abertura do Dispensario com que a piedosa Rainha de Portugal dotou n'esse dia, as creanças pobres e desherdadas da nossa cidade.

O Dispensario da Rainha D. Amelia é destinado exclusivamente a creanças pobres, até 12 annos d'idade. N'esse Dispensario encontrarão, todos os

dias, medicos e cirurgiões para consultas, operações gratuitas, pensos, remedios, caldos, dietas, em summa, tudo o necessario para minorar o soffrimento, que vem da doença consociada com a miseria. E não pára aqui a iniciativa santa, da santa Rainha.

Do mesmo modo que a miseria é inexgotavel e não pára nunca, não pára e inexgotavel é, o thesouro uberrimo de caridade que faz da Rainha de Portugal, a mais virtuosa e a mais querida das rainhas da Europa.

Collocada no alto d'um throno, cercada de respeitos e de adorações, esposa estremecida, mãe amantissima, a Rainha pensa sempre, a todo o momento, nos pobres, n'aquelles que soffrem, n'aquelles que padecem, n'aquelles que não teem a minorar as agruras do soffrimento, os consolos da riqueza.

«Em Portugal os tysicos ricos vão para a Serra da Estrella, ou para a Suissa, os pobres vão para o alto de S. João», dizia ha dias textualmente, a caridosa Rainha, que no seu espirito delicadissimo de mulher e de protectora de desgraçados anda já procurando remedio para esse mal e em breve, com certeza, graças á Rainha D. Amelia, os pobres tysicos terão tambem o seu sanatorio como os ricos.

Bem dita seja a Rainha!

Gervasio Lobato.

O NATAL



ADORAÇÃO DOS PASTORES

(Quadro de A. Schiavone)

Um natal na familia é aabençoada festa: o dia em que nascêra o pae ou a mãe querida, ou aquelle em que o Ceo a enviar-lhe se apresta filhos do seu amor á esposa, estremecida.

A familia de Deus, a grande Humanidade, de seu Pae o natal não pode celebrar: nos abysmos do tempo e no infinito da Idade sua origem se esconde; e no espaço o seu lar.

Mas fez-se homem um dia, Deus, á terra desceu. Dos homens da Judéa a feliz geração, co'a Virgem que do Ceo no seio o concebeu, ouviu a sua voz, tocou na sua mão.

E, como Deus, tão grande, os humildes prefere e, sendo poderoso, os fortes não elege, e de Christo o pensar do de Deus não differe, e os fracos é que o seu coração mais protege,

annullou-se a distancia entre os homens e Deus, converteu-se o seu Paço em humilde arribana, em palhas os frouxeis que tapetam os Ceos, o seu throno de luz em um berço de canna.

Aos côros divinaes varias vezes do mundo vieram succeder — as dos maus e contentes; as vozes da miseria, d'um soffrimento fundo, com as da escravidão—as dos tristes, plangentes.

Para estes o Messias era um pharol d'esperança! Para estes foi o Christo a dôce realidade! Saudaram com amor o iris de bonança que a sua appareição trouxe á sua orphandade.

Vieram logo adoral-o as almas mais singellas, as de mais viva crença e mais puros amôres, que, contemplando os Ceos, namoram as estrellas e as florinhas do campo: as almas dos pastôres.

E o meu dôce Jesus, a divinal creança, que depois sorria ás pobres creancinhas, para elles se sorri, a dar-lhes confiança nas benções e perdões que fecha nas mãosinhas!

Ferreira de Castro.

UM AJUSTE DE CONTAS

Ha pouco morreu um velho que fôra soldado no tempo de el-rei D João VI, e que, dada a baixa do serviço militar, viera para creado de um tio meu que habitava em Lisboa.

O creado chamava-se Antonio Papagaio. Foi o typo mais extraordinario que tenho conhecido. Baixo, secco; de um trigueiro queimado a tez parecia a de *rifeiro*; não recuava elle deante de profissão nenhuma. Antonio Papagaio era creado de mesa, fazia compras delicadas como por exemplo as que lhe eram indicadas pelas senhoras de boa familia: ornamentos para oratorio, buscar qualquer atavio ás modistas ou ás lojas de modas, — além d'isto, o Papagaio era artilheiro. Em casa de este meu bom tio havia uma peça em um terraço e o Antonio Papagaio é quem dava o tiro do meio dia, — era tambem cosinheiro, jardineiro e hortelão.

Papagaio bebia muito, não havia vinho que o fartasse; tinha a mania de que as terças feiras eram dias azuis e por isso, n'este dia da semana, aquelle velho casco enchia-se do licor predicto de Noé até adornar.

Tinha todas aquellas profissões e tinha um amigo intimo, inseparavel, dono de uma taberna no largo do Mitello, chamado o José Laranja a quem meu tio dera alguns meios para se estabelecer.

Este amigo era a felicidade do Antonio Papagaio e ao mesmo tempo, vejam o paradoxo, a sua desgraça.

Antonio Papagaio raras vezes tomava sobre si qualquer encargo sem associar, ou lembrar o nome do seu Laranja.

— Oh! Antonio você vai levar estes agasalhos a casa das senhoras Athaydes e volte logo; e quando for, não se demore em ponto algum porque pôde deixar os agasalhos em qualquer parte onde se sujem.

— Estimariao muito. Eu deixo-os ali no José Laranja enquanto visto a jaqueta e vou já lá.

Papagaio agradecia sempre pela pessoa a quem era enviado. Dizia-se-lhe.

— Antonio vá a casa do sr. general saber como está e que desejamos as melhoras.

— Estimariao muito, interrompia immediatamente o Papagaio.

Ora o José Laranja era a desgraça do Antonio Papagaio porque, qualquer coisa que os dois fizessem juntos era asneira certa.

Um dia de festa meu tio deu um jantar para o qual convidara algumas pessoas de relações e parentes, e pediu a meu pae uns fruteiros *cloisonnés* muito elegantes e muitos raros.

Neste dia coadjuvava o serviço da mesa o nosso Antonio Papagaio, mas por desgraça estava na cosinha o José Laranja que tinha vindo comprimentar os senhores.

Papagaio estava sempre a deixar a mesa para dizer duas palavras ao seu amigo.

— Então Antonio!, disse meu tio ao levantar-se o ultimo serviço que precedia o *dessert*, — traga os fruteiros!

Antonio que ia para a cosinha com a ideia no José Laranja, volta apressado e sai-se com isto:

— Quaes? os nossos ou os outros?

Meu tio foi o primeiro a rir, depois meu pae, e por fim todos os convivas explodiram n'uma ruidosa gargalhada.

Se estava na cosinha o Laranja, servindo de co-

sinheiro o Papagaio, ou se partia alguma cousa, ou se queimava algum azeite; quando uma vez quiz mostrar ao Laranja a sua pericia de artilheiro, rebentou a peça e ficou com uma mão aleijada.

Uma vez disseram-lhe que parecia mal levar o trem de meu tio tão devagar, Papagaio consultou o Laranja e este concordou que devia andar *mais depressinha*. Não foi preciso mais nada. No dia seguinte tinha elle de estar em Santa Apollonia na estação dos caminhos de ferro. Pois os moradores da rua da Inveja tiveram de acordar sobresaltados com o barulho que faziam os cavallos e carro, os gritos de Antonio Papagaio com uma rede em cada mão — *Arredal! Arredal!* — e os estridulos apitos eram de ensurdecer!...

Deus castiga e não diz quando, por isso o proprio José Laranja foi tambem victima do seu amigo Papagaio. E era de jus.

Antonio Papagaio recebeu ordem de ir a Mafra buscar um barril de vinho para casa de meu tio e como o Laranja com equal motivo tivesse de ir á mesma localidade, Antonio não cabia em si de contente.

Na volta fez-se a seguinte combinação entre o Laranja e o Papagaio:

— De um dos barris podemos beber mas devemos pagar.

— Vaileu! concordou logo o Antonio.

Resolveu-se pagar a vintem cada caneca que bebessem, e assim se fez.

Bebia o Laranja uma caneca pagava um vintem ao Papagaio.

— Oh! esta só pelo diabo tenho o dinheiro na mala, e aqui só tenho dois vintens! — disse pesadoso o José Laranja.

— Não tem duvida, accudio solícito o Papagaio, eu adianto.

Bebia o Papagaio uma caneca pagava um vintem ao amigo José.

Não se chegou a gastar o pataco, porque como cada caneca de vinho custava um vintem, a pobre moeda passava constantemente das mãos de um amigo para as mãos do outro, com a mesma rapidez com que se bebiam as canecas.

José Laranja entrou em Lisboa com os seus dois vintens na algibeira, porque o ultimo a beber e a pagar foi o Papagaio, mas este não gastou real e bebeu o vinho do barril que chegou a Lisboa apenas com dois decilitros.

O José Laranja ainda hoje não sabe como aquillo foi. Beberam todo o barril, é verdade, mas pagaram sempre, como é que chegando a Lisboa, nenhum tinha gasto dinheiro e só o vinho do barril tinha desaparecido!

O José Laranja ainda hoje, lembrando com saudade o pobre Antonio Papagaio, não sabe como aquillo foi!

Manuel Barradas.

O CARRO DE OURO

O visconde despertara sobresaltado, ao ouvir bater as onze horas no relójo do quarto, e levantando-se d'um salto, começou a vestir-se rapidamente.

Tinha de estar ao meio dia sem falta, em casa d'um amigo, para tratar de negocio urgente.

E eram já onze horas!...

— Jesus... se faltou, o que dirão!?... é uma vergonha!...

E monologando com sigio mesmo, ia-se lavando, preparando o mais depressa que podia.

Tocou o timbre e appareceu a criada.

— O almoço de pressa... uma gota de café, é o sufficiente... depois comerei melhor... anda... avia-te... corre... Olha diz á senhora que venha cá...

A criada saiu correndo a executar as ordens do patrão, e pouco depois entrou a viscondessa muito assustada, perguntando:

— O que foi? o que aconteceu? que tens?...

— Ai! deixa-me menina, tenho de estar ao meio dia com o barão e ainda estou n'este estado. Olha, talvez não venha jantar, não esperes por mim. Em sendo horas, janta.

— Pois sim, sim. Sempre me pregaste um susto!... Julguei que era outra coisa...

— Bem. Estou prompto. Até logo disse elle osculando a esposa na face.

— Não das um beijo no Alvaro? perguntou ella carinhosamente.

— Onde está elle? aquelle traquinas?...

— Anda ali a brincar no teu gabinete.

— Ai espera, que me esquecia o relójo... Ora esta!?... quem diabo tirou d'aqui o relójo?...

tinha o posto aqui, sobre a bamquinha... E eu com pressa... Então não querem vêr...

E, á maneira que ia falando, percorria o quarto em todas as direcções em busca do relójo, ajudado pela esposa, sem que fosse possível encontrar o que desejavam.

— Deixa o... vou sem elle... não me posso demorar mais... resolveu por fim o visconde cansado de procurar.

— Alvaro! Alvaro! chamou a mãe, vem dar um beijo no papá que vai sair... Anda!... depressa!...

Pouco depois entrou um pequenito louro, de dois annos se tanto, alegre como uma alvorada, correndo para o pai e trazendo a arrastos um objecto que vinha aos tombos pelo meio do chão.

— Ah! grande maroto!... O meu pobre relójo!... O meu querido *remontoir* aos baldões pelo meio do chão... a servir de carrinho!...

A mãe pegou no pequenito ao colo, que sorria para o pai inconsciente do que tinha feito, e chegando-o á altura dos labios, disse-lhe sorrindo:

— Então que queres que elle faça? Para um anjo d'estes... só um *carro de ouro*.

Ricardo de Souza.

OS ENFERMEIROS DO «TARECO»

Para tudo é preciso ter fortuna, phrase que se repete constantemente com respeito ás coisas da vida e, com tanta razão se applica á humanidade como a todas as coisas criadas.

Entre os irracionais encontram-se felizes e infelizes como entre os homens.

O *Tareco* do nosso quadro é um feliz no meio de tantos seus irmãos infelizes, que vivem na miseria das ruas, soffrendo os horrores da fome a intemperia das estações, as correrias dos cães e dos garotos, tendo por unico amigo o sol consolador a cujos raios se podem aquecer.

Que differença entre estes desgraçados bichanos e o nosso *Tareco*, a que não faltam os confortos de uma boa habitação, os regalos do bello carapau para o seu estomago, os mimos e afagos de seus donos, a amizade sincera e innocente das crianças da casa, que brincam com elle, e para cumulo de felicidade, até os cuidados doces e meigos, com que estas o tratam, se o vêem doente, se o vêem ferido, depois de alguma brincadeira em que folgaram, mas em que molestaram o *Tareco*.

Foi o que aconteceu e deu motivo ao quadro que pomos ante os olhos dos nossos pequeninos leitores.

Tareco estava em cima da mesa brincando com os seus amiguinhos. Estes faziam-lhe negaças com um papel que elle perseguia com as suas afiadas garras como se fôra um rato, um passaro ou outro qualquer pequenino ser que se quizesse escapar ás armas do caçador.

O *Tareco* e os seus amiguinhos gostavam muito d'esta brincadeira, mas como os brincadeiras nem sempre dão bons resultados, d'esta vez succedeu que o papel com que brincavam fôra parar dentro da gaveta da mesa e o Alvaro, todo entusiasmado com uma nova idea que este caso lhe suggerio e que era uma innovação na brincadeira, principiou a fechar e a abrir a gaveta ao mesmo tempo que o *Tareco* queria metter a mão-sita para tirar o papel.

D'uma d'estas vezes a mão do *Tareco* ficou entalada na gaveta, do que elle logo se queixou soltando um grande miau que assustou fortemente os seus amiguinhos.

No primeiro momento o *Tareco* fugiu pela casa fóra e foi esconder-se debaixo de uma cama, onde o Alvaro e a Virginia o foram encontrar a lambar muito a pata offendida.

Ah! procuraram amimar o seu amigo, e a Virginia, mais animosa, pegou-lhe com todo o carinho e trouxe-o ao colo, procurando vêr a parte offendida para lhe applicar o curativo.

Foi buscar uma tira de pano de linho para ligar a mão do *Tareco*, que apresentava uma pequena escorriação e entomecimento proveniente do entalão. A tira do pano molhada em arnica foi o curativo que lhe applicaram, acompanhado de muitos afagos e caricias com que foram amansando o natural recentimento do bichano, que por fim se prestou á operação com a paciência que se vê, e até, parece, com a consciencia do bem que lhe estavam fazendo, no que emfim dominava o instincto da conservação tão largamente desenvolvido nos seres irracionais.

Alvaro colheu d'esta brincadeira uma lição, pois reconheceu que a sua idea de brincar com o *Tareco* a abrir e fechar a gaveta quando elle lá queria meter as suas patitas, não tinha sido boa.

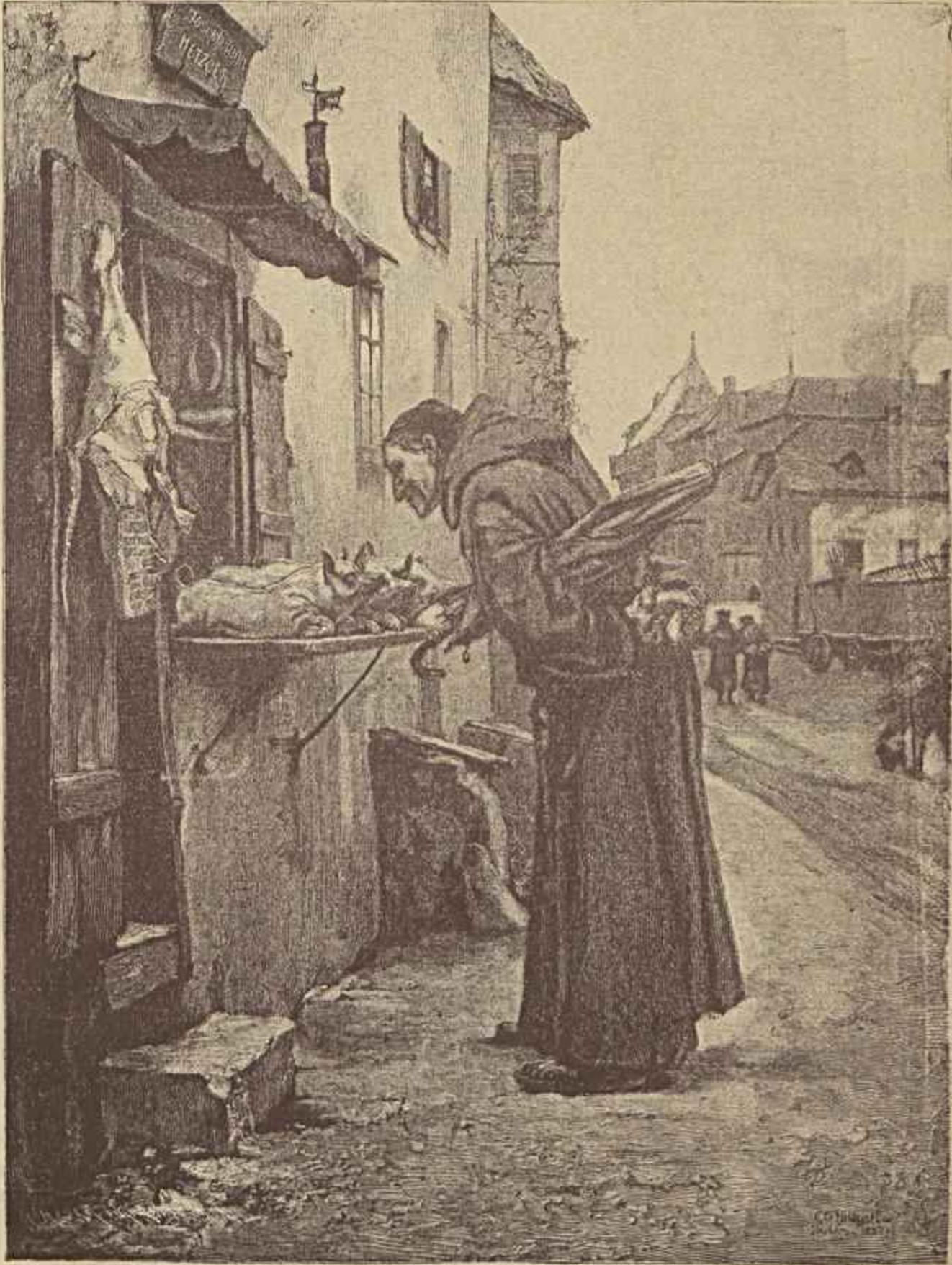
BELLAS-ARTES



OS ENFERMEIROS DO "TARECO"

(Quadro de Schüler)

BELLAS-ARTES



QUE BOA CONSOADA!

(Quadro de Helgnist)

QUE BOA CONSOADA!

Que boa consoada! exclamava frei Thomaz diante de uns bellos leitões, loiros e tenros que uma salchicharia expunha ás vistas dos transeuntes, em vespera de Natal, como que a desafiar-lhes a cubiça.

— Com um leitão d'aquelles e algumas garrafas de vinho, que bella consoada faziamos, comentava golosamente um dirigindo-se ao seu companheiro.

Outros diziam por igual coisas semelhantes, e os que não manifestavam o seu apetite por palavras, podia ler-se-lhe nos olhos os desejos gastro-nomicos do seu estomago, na voracidade com que olhavam as apetitosas viandas.

Frei Thomaz, foi se quedando em reverente contemplação, ante os pequenos suínos, que tanto apetite despertavam ao seu estomago.

— Com estes leitõesitos e aquella boa pinga lá do convento é que se fazia uma meia noite real, Deus louvado! monologava o bom frei Thomaz, que era nem mais nem menos do que aquelle frei Thomaz, de que o nosso leitorsinho já ha de ter ouvido fallar, n'umas historias que a avósinha lhe tem contado.

É verdade era elle mesmo, aquelle que peca-va e aconselhava coisas muito boas, mas que elle para si não queria a maior parte das vezes, d'on-de proveio o dizer-se: «Bem o prega frei Thomaz, mas fazei o que elle diz e não fazei o que elle faz.»

E assim era.

No tocante, então, á gulla frei Thomaz era de uma fragilidade que não resistia á mais ligeira tentação.

Parecia que só vivia para comer, para gozar tudo quanto a culinaria antiga e moderna tem inventado de mais apetitoso e ao mesmo tempo de mais indigesto.

E entretanto elle pregava a mais austera abstinencia, a mais severa temperança contra os desmandos da gulla traçoieira, que lisongia nos o olfato e o paladar, nos arruina tantas vezes a saude levando á sepultura os seus adoradores, inutilizando os para a vida do espirito, promovendo-lhe a condemnação eterna como a d'aquelles que attentam contra a propria existencia.

Tudo isto eram verdades que o nosso frei Thomaz sabia e pregava aos outros, com uma elo-quencia convincente, arrebatadora, porque frei Thomaz tinha uma bocca de ouro, uma palavra prestigiosa.

Mas com respeito a si é que não estava mais na sua mão. As suas doutrinas, as theorias que tinha por boas, não eram para elle, que podia ser um exemplo vivo das miserias que combatia a jorros brilhantes do seu verbo.

E contemplando os leitõesinhos, não se despre-gava do mesmo logar, procurando, talvez, na sua razão, com que vencer a sua fraqueza.

— Qual dos tres será o melhor, discutia elle consigo. E' difficil distinguir porque são todos magnificos, do mesmo tamanho, da mesmo criação pelo que devem ser por igual gostosos, assim tão gordinhos e tenros, que será uma delicia ceial-os, tanto mais esta noite em que nasceu o Redemptor, noite de festa e de alegria, que todo o christão deve celebrar como a mais feliz de sua vida. E n'estes raciocinios frei Thomaz foi andando até se convencer que um leitão só seria pouco para a commemorativa consoada d'aquella noite, e que não havia motivo de censurar-se por querer ter na sua meza de festa os tres leitões, depois de bem recheados e melhor assados ainda, por um leigo lá do convento que tinha dedo para cosinhar aquellas petisqueiras.

E frei Thomaz comprou os tres leitões e pre-soroso correu ao convento a levar os ao seu leigo para este lh'os preparar.

Frei Thomaz consoou n'aquella noite muito a seu gosto, e tivéra razão quando suppôz que as appetitosas viandas seriam de superior sabor, porque realmente elle assim o pôde confirmar devorando as com prompto apetite, condimentadas e regadas abundantemente com a tal pinga de que elle se lembrara ao contemplar as á porta da salchicharia.

No fim da refeição pouco mais restavam que os ossos, com grande descontentamento do leigo, que sempre resmungou. Para me deixar isto era melhor ter comido tudo. O vinho é que hade pagar essas differenças, acrescentava, por entre os dentes, em tom vingativo.

O silencio do convento foi, por alta noite, perturbado com os gritos afflictos que soltava frei Thomaz e poseram em alvoroço os seus companheiros.

O incorregivel gastronomo dabatia-se em ancias, no leito e inutilmente lhe faziam ingerir tijelias de chá para lhe resolver a digestão. O estomago não comportava mais nada e nem mesmo podia funcionar com o que lá tinha.

Era uma indigestão monumental, superior a quantas frei Thomaz já tinha tido, o que não admirava, porque sendo elle dado aquellas intemperanças, o seu estomago ia estando cada vez mais arruinado, o que bem se mostrava na magreza de frei Thomaz, apesar de todas as comexainas que diariamente ingeria.

D'esta vez esteve ás portas da morte, porque lhe sobreveio uma enterite que o ia matando e de vez.

Estes e outros casos semelhantes mais affirmaram o dizer-se:

«Bem o prega frei Thomaz, mas fazei o que elle diz e não fazei o que elle faz.»

A intemperança é como védes um grande mal, e por isso é que é peccado.

Nunca sejaes gulotão, meu caro leitorsinho.

Caetano Alberto.

O HOMEM DA PELLE DO DIABO

Fourmillante cité citée pleine de rêves,
Où le spectre en plein jour raccroche le passant !...
CHARLES BAUDELAIRE.

I

Não se fallava de outra cousa na cidade; era a novidade do dia.

— Já viu o *homem da pelle do Diabo*? perguntavam todos, uns aos outros, os pacificos burguezes, agora acordados do seu habitual marasmo.

— O *homem da pelle do Diabo*? Que historia é essa? Diga lá.

— Ah! não viu! Pois veja, que vale a pena. E os que ainda não o tinham visto lá se iam, a scismar no que poderia ser a extraordinaria creatura, que trazia alvoroçados os animos na cidade.

É preciso, antes de tudo, que eu diga ao leitor que sou o que ha de mais refractario a obedecer á curiosidade banal, sobretudo quando ella toma o character despotico de moda, pretendendo impor-se absurda e ridiculamente. Resisto lhe, nego-me terminantemente a segui-la, e, quando todos se admiram de eu não fazer isto ou aquillo *que todos fazem*, é então que eu, com certeza, não o faço, mas muito serenamente, sem o minimo esforço do espirito, como um acto natural da minha alma. Massaram-me, e a reacção em mim é, em taes casos, espontanea, invencivel, fatal. Mas este caso era verdadeiramente extraordinario, excepcional — pôde-se-lhe chamar até unico. Unico, sim, de certo; não se vê todos os dias a *pelle do Diabo*. Ha só um, e portanto é claro que aquella pelle era unica — ou então a logica é uma ficção. E se eu perdesse aquelle ensejo...

Portanto fiz como os outros, indaguei onde elle era visto, os sitios onde seria mais provavel encontrar-o, a hora da sua appareição; porque devia ser appareição... Um homem da pelle do Diabo não pôde ser como os outros — ter morada certa, passeiar pelas ruas, conversar com os amigos, exercer um emprego, um officio, etc, etc. Não — um tal sujeito devia ser absolutamente mysterioso, e a sua vida de relação com os outros homens não podia constar senão de dois actos — apparecer e... desaparecer. Exactamente como o Belzebuth.

Informado de tudo dirigi-me para um dos sitios que me haviam indicado. Mas ou as informações não eram exactas ou elle alterara o programma das suas appareições. Na grande praça do Theatro não o viam já ha dias, — muitos dias. Era aquelle o local mais frequentado pelo satânico personagem. Os meus instinctos de caçador despertaram então, e, á falta do cheiro d' enxofre que costuma denunciar a presença dos seres diabolicos, resolvi recorrer a todas as pessoas que encontrasse.

— Meu caro senhor, viu para esses lados o *homem da pelle do Diabo*? — perguntava eu.

— Bem sei — diziam elles todos invariavelmente — ha dias que o não vejo — e seguiam o seu caminho, voltando-se todos tambem invariavel-

mente para traz, como admirados de eu ainda não o ter visto.

Naquelle dia, quando recolhi ao *hotel* — eu estava de passagem na cidade — vinha desapontado, quasi envergonhado de mim proprio — n'uma palavra furioso. — Jantei sosinho, apezar de na meza redonda apparecerem bons e alegres convivas e alguns rostos femininos encantadores. Mas com que cara responderia aos que me perguntassem se eu já tinha visto a maravilha da terra, o homem da pelle? . . . Depois de jantar, tive um accesso de melancolia, negra, funda, e fiquei triste como um mocho. Mirei-me no espelho repetidas vezes; parecia-me que o meu nariz até crescera! . . . O nariz dos grandes desapontamentos!

II

Nessa noite dormi mal, quasi a passei em claro; e, de manhã, quando o creado veio abrir as janellas e trazer-me os jornaes, havia já muito que eu estava acordado.

— Então v. ex.^a ainda não viu o homem da pelle do Diabo — disse-me elle, depois de me dar os bons dias, e com o tom affirmativo de quem está certo do que avança.

— Quem t'o disse? repliquei eu, parecendo-me descobrir no rosto do servo uns leves assomos de ironia.

— Ouvi-o dizer hontem, ao jantar. — Aqui ficam os jornaes, que fallam d'elle — e José, pedindo as minhas ordens, retirou-se.

A curiosidade principiava já a aguçar-se com o amor proprio — era quasi um capricho. Emquanto me vestia tracei varios planos de campanha, e um d'elles foi o de bater em retirada e não pensar mais na maldita pelle, mas não me parecia bem retirar quasi sem combater; finalmente, resolvi, custasse o que custasse, descobrir naquelle dia o homem de Satanaz, e que o *outro* me levasse se eu não desse com elle Almocei no quarto, e saí para a rua, a furto, como se tivesse commettido algum crime!

III

Ou o acaso me foi propicio, ou o meu plano fôra bem imaginado. Ao dobrar a esquina da rua da Bibliotheca chamou logo a minha attenção um grande magote de povo, que quasi a tomava de lado a lado. Nas janellas os moradores, de pescoço estendido, mostravam as cabeças curiosas, com os olhos esbugalhados a sairem-lhes das orbitas, e as physionomias contrahidas, tetricas, apavoradas!

— Finalmente! — exclamei eu, e apressei o passo.

Era effectivamente elle!

Rompí violentamente a multidão, que me deixou passar, pensando talvez que eu era alguma auctoridade, e achei-me defronte do homem da pelle do Diabo.

Baixo, magro — muito magro — a cor esverdeada, umas sobrancelhas negras, fornidas, desordenadas, e grossas como cerdas de javali, o cabello revoltado, e um trajo velho e sujo de grandes quadrados vermelhos e amarellos — um fato de *clown*!

Apenas attentou em mim fixou-me com os seus olhos negros, e cavos, e depois d'um instante de silencio, mostrando uma grande pelle, que elle açoitava com uma chibata, que trazia na mão:

— Isto — gritou elle, com uma voz estridente e rouca — isto que vêem é a pelle do Diabo! E repetiu muitas vezes — com intonações diversas, desde o grave até o agudo — a pelle do Diabo! . . . E foi andando em volta, descrevendo um circulo.

— Eu lhes conto — E antes de proseguir benzeu-se muitas vezes, e recitou umas phrases de palavras estranhas e sem nexa, uma especie de esconjuro contra Satanaz e as potencias infernaes.

Havia em todos os rostos uma expressão extraordinaria, mixto de curiosidade, de espanto e de terror. O silencio era geral. Instinctivamente, quando elle se approximava, todos se afastavam, abrindo um grande claro em volta do phantastico personagem.

— O caso foi assim — disse elle. Era a noite de S. João. Muitas fogueiras, muito fumo, muita gente, o poder do mundo, uma confusão, uma balburdia de mil demonios! Gritos d'aqui, cantigas d'aquella, danças, corridas e saltos. . . Tudo muito infumado!

E interrompendo se voltou-se para todos os lados com contorsões e uivos epilepticos, agitando no ar a pelle, negra com grandes riscas vermelhas.

— Eu ia andando — continuou elle, offegante — e de repente ouvi um grande grito, em frente de mim, para a direita. Um aíl! D'estes que cortam o coração — murmurou, baixando a voz. Voltei-me. Um rapaz negro — eu via tudo negro — ia aos pullos, a saltar as fogueiras, e vai e salta em cima

d'uma garrafa partida, que estava n'um pau ao alto, e fica cravado nos vidros, que eram como lanças, voltadas para o ar! Correu toda a gente. O sangue saía d'elle como uma fonte! Vi-o. E tudo cada vez mais escuro! Pegaram-lhe. — «Para o hospital, levem-o para o hospital!» gritavam todos. E metteram o n'um carro. E depois deitou tudo a correr, como doidos! O rapaz caiu do carro, e, não sei como, achei-me com elle nas mãos, eu d'um lado, outro homem do outro, e continuámos a correr. Senti e vi que ia caindo alguma coisa no chão. . . O peso ia diminuindo. . . É nós sempre a correr. Tudo cada vez mais escuro! Quando chegámos ao hospital olhei e achei-me só! Em frente uma porta grande, escancarada, um grande pateo lá dentro. Muitos montes de palha, e muitas figuras brancas, como phantasmas, passeando! Apenas me viram vieram directas a mim, e uma d'ellas gritou:

— Isso é a pelle do Diabo! E recuando, disse ás outras — «Prendam-o, prendam-o!»

E agarraram-me, e prenderam-me. Então é que eu vi o que tinha na mão! O rapaz sumira-se! Tinha-se desfeito! O que eu tinha nas mãos era isto! Era a pelle do Diabo!

E atirando-a ao chão, saltou-lhe em cima, e espesinou-a, com os gestos e os uivos d'um furioso!

Setembro 5, 93.

Zacharias d'Aça.

LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Continuado do n.º 539)

Tomemos para prova a conhecida oitava das filhas do Mondego. . . :

*Quae Mondae virides ripas camposque colebant,
Ejus fata diu, memores, flevere puellae;
Post, ipsae tanti monumentum iuge doloris,
In fontem lacrymas transformavere profusas.
Mox huic, quod teneros Agnetis denotat ignes,
Quodque hucusque manet, nomen posuere decorum.
Quam nitidus laetos ibi flores irrigat humor!
Pro lymphis lacrymae sed nomen fontis — AMORUM.*

(A. J. Viale.)

*Munigenae flerunt nymphae funere ademptam,
Virg. E. 5 — 20
Monstrisque excita longam cecinere querelam;
Virg. G. 1 — 378.
Et liquidum in fontem, saeculis monumenta futuris
Virg. E. 2 — 29
Moestas mutarunt lacrymas perque ora volutas.
Virg. E. 10 — 790*

*Quo dictus fuit olim, nomen servat amorum,
Quos Castro illic delicias saturare solebat.
Adspice, quam gelidum ampla bibant violaria fontem,
Virg. G. 4 — 32
Cui lacrymae sint lymphae fugae, et nomen amoris.
Hor. Od. 2 — 3 — 3*

F. de P. Sancta Clara.

A dicção do sr. Viale é, como se vê, graciosa e corrente, a do sr. Sancta Clara mais classica, porque teve o cuidado de selectar, applicando-as com extremado desvelo, phrases de poetas latinos, principalmente de Virgilio, todas citadas á margem, e isto a eito por todo o episodio.

Quando abrimos pela primeira vez este opusculo, lembrámo-nos logo dos celebrados *Centones*, que converteram o Virgilio n'um lubrico Petronio ou n'um sisudo Moyses. ¹ Seria tambem curioso se vissemos assim o episodio de Ignez tornado vir-

giliano puro á imitação de Ausonio ou de P. Falconia, assimilhando-se um pouco aos modelos da boa latinidade, hoje quasi imitáveis.

A copiosa lição e apurado gosto do erudito professor ressubram espontaneamente de seus versos e roboram a sua reputação, embora n'um ou n'outro ponto a cadencia metrica claudique involuntaria ou destempe momentanea. De alguns raros descuidos, facillimos de remediar-se, apontaremos por exemplo a collisão desagradavel com o encontro de dois *ss* na phrase *jucundam pascens spem* (E. CXX, v. 3). Das muitas belezas que se admiram n'esta laboriosa composição veja o emprego do *iterum atque iterum* nos dois hexametros:

Petrum iterum atque iterum colles resonare decembas.
(E. CXX, v. 8.)

Petrum iterum atque iterum retulisti per loca circum,
(E. CXXXIII, v. 8)

parecendo no segundo distinguir-se um choro onomatopaico com a accumulção dos *ii*. Fazem ambos lembrar os dulciloquos versos do mantuano:

*.....moestusque Creusam
Nequidquam ingeminans, iterumque iterumque
vocari.*
(En. II, vv. 769 e 770.)

Suspiciunt; iterum atque, iterum fragor intonat ingens.
(Id. VIII, v. 527.)

São lindissimos os primeiros versos da E. CXXV:

*Ad coelum aeternosque ignes, discrimina talq' Virg.
E. 2, 4 e 5.
Dum trepidat, tendens lacrymantia lumina frustra,
Lumina, nam palmas vinculis arcebat inermes
Saevior ante alios caedis sclerumque minister. . .*

No logar paralelo não lhe fica inferior, antes traduzio com mais originalidade, o sr. Viale:

*Ad coelum tendens, lacrymis madefacta decoris
Lumina (nam teneras palmas devinxerat unus
E saevis, saevius nimium cautusque minister). . .*

N'estes versos, assim como nos da estancia acima transcripta?

In fontem lacrymas transformavere profusas. . .
(A. J. V.)

*Et liquidum in fontem. . .
Moestas mutarunt lacrymas perque ora voluta. . .*
(F. DE P. S. C.)

vê-se que o poeta seguiu a inspiração homerica das lagrimas, em que se distinguem singularmente as rapsodias gregas. ¹ O didactico Hesiodo, Pindaro na ode e Sophocles não choram; seus corações eram forrados de bronze como o seculo a que pertenciam, *ans triplex circa pectus erat*. ² Homero é uma excepção d'esta insensibilidade, excepção justificada por ventura pela vida errante e angustiada que lhe attribue a lenda. As amarguras do coração repercutiram-se nos seus cantos. A lyra humedecida de lagrimas soltava flebeis vozes, depois reflectidas nos seus imitadores, como Virgilio e CAMÕES. Principalmente entre o grego e o portuguez ha uma notavel afinidade na expatrição. Ambos curtiram saudades do desterro, vertendo-as em canticos divinos; com ellas gastaram tempo e vida, a vida que em pedaços se lhes

¹ O dom das lagrimas é um laço que prende os dois poemas de Homero, e por isso mais uma razão para os attribuir ao mesmo poeta. Na *Iliada* vê-se no canto I, v. 136, chorar Achilles de colera á beira mar, e no v. 413 chora Thetis. No I, vii, v. 426, choram os troianos ao irem queimar os cadaveres dos seus durante um armistício. No I, xvi, v. 13, pergunta Achilles a Patroclo porque chora? No I, xxiv, vv. 530 e seg. choram Achilles e Priamo o primeiro com a lembrança de seu velho pae Paleu, e o segundo lembrando-se de seu filho Heitor. Diomedes chora de despeito por lhe cahir o azorrage. Na *Odysséa* acontece o mesmo. No I, viii, v. 531 chora Ulysses ao ouvir o acedo Demodoco cantar o estratagemas do cavallo. Os Atridas choram nos infernos, as deusas e as nereidas choram, e os proprios cavallos de Patroclo, etc.
² Horacio.

repartira pelo mundo. Seus lamentos misturavam-se com o sussurro das ondas á beira-mar, a um no Mediterraneo, a outro no grande Oceano, na Jonia ao primeiro, no segundo em Macau. Mas assim como o passaro, ferido nos ares, procura na sazão da infinita dor o ninho onde nascera, ambos os bardos volveram á patria, ao ninho seu paterno, onde dormissem o derradeiro somno.

Andromacha na *Iliada*, Cassandra na *Eneida* e Ignez nos *Lusadas* são tres victimas immortalisadas nos tres poemas, sendo incontestivel a superioridade de CAMÕES n'este paralelo. Andromacha despede-se de Heitor entre sustos e máos presagios, Cassandra é arrastada pelo inimigo á vista do seu amante, Ignez, ausente do esposo, prostra-se aos pés do rei, que a mata, ladeada de seus filhinhos. Heitor sorri, Andromacha chora; Cassandra, desgrenhada, atadas as mãos, levanta debalde ao ceu ardentes olhos; Ignez levanta tambem ao ceu com lagrimas os olhos piedosos. Em Homero e CAMÕES ha lagrimas, em Virgilio n'este caso não. E o motivo é simples; a maternidade duplicava a vida e tornava a morte mais acerba. Cassandra era virgem, as outras mães. Astianax era um laço que prendia seus paes; Ignez tinha nos filhos, reliquias suas, o seu refrigerio. E verdade tambem que em Virgilio o logo pavoroso em que se subvertia Troia, esta desgraça enorme que aniquilava um povo, era bastante para embolar as sensações e estancar as lagrimas; as paixões n'esta crise tremenda retezam-se duras e secas, qual o nervo do arco, que dispara o ultimo tiro como ellas soltam o extremo arranco.

A morte de Ignez move o pranto das filhas do Mondego, que por memoria eterna transformaram em fonte as lagrimas choradas. O poeta indica a fonte, e diz que *lagrimas são agua e o nome amores*. Os commentadores lembram n'este ponto a Eclog. v de Virgilio, vv. 20 e 21.

*Extinctum Nymphae crudeli funere Daphniae
Flebant. . .*

que Bocaque traduzio:

Desgrenhadas as nymphas pranteavam
De morte lastimosa extineto Daphniae;

ou o mesmo Virgilio na Georg. iv, vv. 460 e 461 na morte de Euridice:

*At chorus aequalis Dryadum clamore supremos
Implerunt montes*

paraphraseado por Castilho:

Das Dryades o coro encheu de vãos queixumes
Por sua irmã finada a serra até aos cumes;

ou Ovidio nas Metam. III vv 502 a 504, fallando de Narciso:

*..... planxere sorores
Naiades.
Planxere et Dryades.*

que foi vertido por Castilho:

Suas irmãs, as Náiás, o choraram;
.....
.....; choraram Dryas.

(Continua.)

A. A. da Fonseca Pinto.

O FAVORITO

Quereis saber a historia que deu origem a este quadro?

Eu vou-a conto:

Um dia em que a pequenita Emma brincava distrahadamente pelo jardim, correndo atraz das mariposas que doudejavam em volta das flores, entrou pelo portão entreaberto, correndo esbafurido, um pequeno cão, preto como a aza d'um corvo, e que era perseguido por uns garotos que o corriam á pedra.

Os rapazes pararam em frente do portão, sem se atreverem a entrar na propriedade alheia, e a Emmasita correu para o animal que acariciou meigamente.

Se visseis como aquelles dois seres se comprehenderam então! . . .

Quanto mais ella o acariciava, mais elle saltava em volta da sua salvadora, latindo de contente e fazendo cabriolas pelos ruas do jardim.

Emma conduziu o cãozinho para casa e contou á mãe, na sua linguagem infantil, como salvara o pobre animal de ser morto á pedrada.

¹ Para avaliar melhor a similitude apparente d'estes versos com os dos *Centones*, apresento-lhe um trecho, tirado d'uma historia do Antigo Testamento, formada com phrases de Virgilio. Vem logo no principio e exprime a prohibição de Deus a Adão e Eva de comerem do fructo prohibido:

E. 2-712 *Vos, famuli, quae dicam animis advertitis vestris?*
E. 2-21 *Est tu conspectu-ramis felicibus arbor*
G. 2-81.
E. 7-692 *Quam neque fas igit cuiquam nec sternere ferro.*
E. 7-608 *Religione sacra-nunquam concessa moveri.* E. 6-709.
E. 11-591 *Hac quicumque sacros-decerpsit arbore foetus.* E. 6-341.
E. 11-849 *Morte luet merito,-nec me sententia vertit.* E. 1-241.

— A mamã não o deita fóra, não?... pediu ella por fim.

— Então o que queres fazer d'elle agora, perguntou a mãe, que já tinha pegado no cãozinho e o afagava por sua vez.

— Quero que elle brinque comigo, que nos acompanhe quando formos passear, e á noite ha de dormir na minha cama, sim?!...

— Dormir contigo! ora que idéa, dormir com um cão...

— Sim, sim, mamã, não faz mal... Elle é tão bonito... E como é que se ha de chamar, oh mamã?

— Olha chama-lhe *Carocho*, por ser assim preto...

— Ora... *Carocho* não... é muito feio... é melhor chamar-se *João* que é o nome do criado que o papá trouxe lá de fóra, e que é assim preto e tambem muito meu amigo.

A mãe não pôde suster o riso e disse:

ragem para as vicissitudes da existencia, sempre confiados em Deus, sempre fortes na sua crença.

Os indifferentes, os libertinos, os que se esquecem de Deus para só se lembrarem dos gozos do mundo, só se lembram do seu Creador, nas grandes afflições da vida, se o vicio e o materialismo lhes não embotaram ainda por completo a idéa de Deus, lhes não apagaram a brucheleante esperanza do seu coração, n'aquelle Pae de Misericordia.

E' então que recorrem á oração, é então que supplicam e pedem misericordia, é então que se lembram de Deus como o unico que os pôde salvar, que pôde ouvir e attender os seus rogos, remediar os seus males.

Existe, porém, uma differença entre a oração do crente que em cada momento da vida tem sempre Deus no seu pensamento, e aquelle que só se lembra d'elle nos transees difficeis.

O primeiro ora a Deus para lhe agradecer e dar

tade, e com a consciencia de prestar-mos algum serviço ao nosso paiz.

Aos que nos tem ajudado a vencer, o nosso mais reconhecido agradecimento.

O OCCIDENTE é hoje conhecido em todo o mundo, porque em toda a parte elle tem leitores, rara fortuna concedida a publicações portuguezas, e nós folgamos que em toda a parte o OCCIDENTE possa honrar as letras patrias.

Sob tão bons auspicios vamos encetar a publicação do 17.º anno do OCCIDENTE, contando com a protecção que tem sido dispensada á nossa modesta empreza.

A EMPREZA.



O FAVORITO

(Quadro de With Sus)

— Isso não pôde ser, filha, porque é nome de gente. Olha, chama-lhe *Favorito*.

E assim ficou sendo o *Favorito* tão favorito da Emma, que todas as noites, esta não podia adormecer, sem que o seu amigo estivesse ao lado muito conchegado a ella.

R. de S.

O NOSSO SUPPLEMENTO

EM ORAÇÃO

Quadro de Kassing

«Orar é fallar com Deus.»

O que ha de verdade n'este pensamento dil-o o coração do crente e dil-o ainda o coração do que, não sendo um crente, lhe chega um momento em que tem de refugiar-se no seio de Deus, ou abysmar-se nas trevas da morte.

Os crentes tem uma consolação prene na sua Fé que em cada hora, em cada dia, durante a sua vida inteira, lhe alenta o espirito, os enche de co-

gracias dos beneficios que constantemente recebe d'elle, em que o não menor é a resignação com a divina vontade.

O segundo só ora a Deus para lhe pedir e raras vezes saberá agradecer o bom despacho das suas supplicas.

Entretanto, felizes d'aquelles em quem se não apagou de todo a esperanza, porque ainda tem o supremo goso da oração e: «orar é fallar com Deus.»

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Com o presente n.º concluímos o 16.º vol. do OCCIDENTE, que representa uma longa peregrinação n'estas veredas da imprensa.

Muitos tem sido os obstaculos que se tem levantado no nosso caminho, mas temos tido a boa fortuna de os vencer, armados com a perseverança da nossa VON-

AVISO

Com este n.º do OCCIDENTE é distribuido alem do frontespicio, indice e capa de papel para o volume, um supplemento quadro EM ORAÇÃO, gratis para todos os srs. assignantes.

Este supplemento avulso custa 200 rs.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 17200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, M.desto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39



Supplemento ao n.º 540 do "OCCIDENTE"

21 DE DEZEMBRO DE 1893

BELLAS ARTES



EM ORAÇÃO

(Quadro de Kalling)

